



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1630>



Ensino de história, mediatização e educação antirracista: trilhas para refletir a formação inicial a partir do *currículo narrativo* (Uma entrevista com a Prof.^a Patrícia Teixeira de Sá)

Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto*

ORCID iD 0000-0001-8998-2343

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, Rio Grande do Norte, Brasil

Everardo Paiva de Andrade*

ORCID iD 0000-0003-0157-5650

Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: A entrevista com a professora Patrícia Teixeira de Sá parte das discussões sobre aprendizagem e currículo narrativos e busca refletir sobre a trajetória e produções de uma educadora que forma novas gerações de professores e professoras de História. A professora Patrícia atuou como docente na rede básica e atualmente atua na Universidade Federal Fluminense. Sua experiência em diferentes níveis e segmentos educacionais foi fundamental para consolidar sua percepção acerca das práticas educativas voltadas à escuta, às narrativas e às diferenças que emergem desses processos de aprendizagem colaborativa. Além disso, seus trabalhos nos ajudam a pensar sobre a influência das mídias sobre a aprendizagem de conhecimentos históricos e como professores e professoras podem lidar com esses e outros desafios voltados ao ensino de História. Na entrevista, dialogamos também sobre a urgência em promover um ensino de História mais plural, afrocentrado e pluriétnico, trazendo à tona iniciativas já realizadas no Laboratório de Ensino de História – LEH/UFF.

* Pós-doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, na área de Didática e Ensino de História. E-mail: alinydayany@gmail.com.

* Pós-doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em História, doutor e mestre em Educação pela UFF. Professor da Faculdade de Educação da UFF, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do ProfHistória. E-mail: everardoandrade@id.uff.br.

Palavras-chave: Ensino de História; aprendizagem narrativa; experiência.

Teaching History, mediatization, and anti-racist education: paths to reflect on initial teacher training from a narrative curriculum perspective (An interview with Patrícia Teixeira de Sá)

Abstract: The interview with Professor Patrícia Teixeira de Sá begins with discussions about narrative learning and curriculum, to reflect about the trajectory and work of an educator who trains new generations of history teachers. Professor Patrícia has taught in the public school system and currently works at Fluminense Federal University. Her experience with different levels and in different segments of education was fundamental in consolidating her perception of educational practices focused on listening, narratives, and the differences that emerge from these collaborative learning processes. In addition, her work helps us to think about the influence of the media on the learning of historical knowledge and how teachers can deal with these and other challenges related to the teaching of history. In the interview, we also discussed the urgency of promoting a more plural, afrocentric, and multiethnic approach to teaching history, highlighting initiatives already carried out at the History Teaching Laboratory (LEH/UFF).

Keywords: Teaching History; narrative learning; experience.

Uma breve apresentação

Patrícia Teixeira de Sá é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão com foco em processos formativos na relação entre a universidade e a escola. Integra o Laboratório de Ensino de História (LEH-UFF) e o grupo de pesquisa Oficinas de História, dialogando com diversas temáticas dentro do campo do Ensino de História e da Educação, como Antirracismo, Temas Sensíveis, Linguagens, Mídias e Formação de Professores. Sua formação acadêmica se deu na Licenciatura em História da UFF, seguida do Mestrado e do Doutorado em Educação na PUC-Rio. Como professora, atuou em diversos níveis e modalidades de Educação, desde o período da formação inicial, tais como: Pré-Vestibular Popular, Ensino Fundamental e Ensino Médio, EJA, Ensino Técnico, Graduação em História e Pós-Graduação em Ensino de História.

Aliny Pranto (AP) e Everardo Andrade (EA) – Patrícia, você poderia nos narrar um pouco acerca de sua trajetória docente e o momento da sua escolha pelo magistério?

Patrícia Sá (PS) – Sou historiadora, professora de História e pesquisadora em Educação. Formei-me na Universidade Federal Fluminense (Niterói-RJ), onde ingressei em 1997 e saí em 2002 como Bacharel e Licenciada em História. A entrada na Universidade inaugurou uma fase de profícuas experiências. Ter sido aluna de professores como Ciro Flamarion Cardoso, Virgínia Fontes, Ilmar Rohloff de Mattos, Ana Maria Mauad,

Magali Engels, Martha Abreu, Maria Lúcia Oliveira, entre tantos outros, me trouxe aprendizados aos quais recorro até os dias atuais. Não é exagero afirmar que os arquivos e leituras que acumulei nesse período são referenciais fundamentais para diversas atividades da minha atuação como professora e historiadora ainda hoje.

Outro dia, revisitando meu acervo pessoal, entre cadernos com notas de aula, fichamentos, resenhas e provas comentadas pelos professores, textos fotocopiados, estudos de francês, jornais estudantis, letras de músicas cifradas, *set lists* de apresentações musicais, fotografias, fragmentos de diários, notei que todos esses guardados sempre cumpriram um papel importante na minha vida. Para além de se constituírem lembrança de minhas escolhas, incontáveis vezes também já auxiliaram na descoberta de caminhos de ação diante de algum desafio profissional ou pessoal. Vasculhando, encontro respostas e mais perguntas.

A UFF, a música e inúmeros encontros me (trans)formaram na professora que sou. Ao ingressar no curso de História, em 1997, já me identificava como cantora e professora. Vinha de uma experiência como professora de língua espanhola em um pré-vestibular popular, o Corujão, projeto desenvolvido na escola onde estudava no Ensino Médio. Reencontrei alguns alunos daquele curso nas primeiras semanas de aulas na universidade, estávamos começando a partilhar experiências de formação universitária. Minha identidade com a música se firmava entre meus colegas na UFF. Estava engajada em ensaios e apresentações de música e teatro, em vários momentos, afetando a disponibilidade para as leituras e aulas. Seria possível alimentar ambas as identidades? Como fazê-lo? A aprovação no processo seletivo para um projeto de iniciação científica em Educação ocorreu ao mesmo tempo em que aceitei a proposta de participar de um movimento musical chamado Pop Goiaba. Minha vida se dividia na rotina de aulas na graduação, reuniões de pesquisa, ensaios com a banda e shows. Aos poucos, a necessidade de foco e dedicação para a conclusão da licenciatura foi se tornando necessária. Depois da formatura, em novembro de 2002, decidi: agora quero viver a Educação. Penso ser esse um começo possível para me ver e compreender no magistério, vivendo da docência.

AP e EA – De que maneira Patrícia Sá se tornou formadora de professores e professoras de História? Poderia nos contar um pouco sobre a construção identitária junto ao ensino de História?

PS – Entre 2003 e 2011, atuei como professora de História na Educação Básica. Durante esse período, trabalhei em uma escola particular, uma escola estadual e outra escola federal ao mesmo tempo. Assim, o cotidiano intenso de aulas – que ultrapassava 40 horas semanais – me fez ter a oportunidade de exercitar sistematicamente uma diversidade de estratégias pedagógicas e de formas de se relacionar em cada ambiente, e seu público específico. Análises de imagens, de literatura, do cinema e da produção midiática foram bastante frequentes em minhas práticas.

Mas a preocupação com o ensino de História antecede, é simultânea e, também, posterior ao meu tempo na rede básica de educação. Isso porque desde a graduação venho refletindo sobre os processos de ensinar História. À época da monografia, ano de 2001, tomei contato com um grupo de discussão sobre o profissional de História. Minha orientadora era a professora Magali Gouveia Engel e eu buscava analisar a obra de Lima Barreto, trabalhando os conceitos de cultura popular e identidade nacional através de referências à música nos livros “O triste fim de Policarpo Quaresma” e “Clara dos Anjos”. Na ocasião, a professora Magali Engel estava ministrando cursos instrumentais sobre Educação e coordenando o projeto de extensão “Oficina de Ensino de História”. O objetivo era contribuir para preencher uma lacuna na licenciatura em História no Departamento de História – o pouco investimento na reflexão sobre Ensino de História –, com intenção de promover troca de ideias e práticas pedagógicas e elaborar material didático em conjunto com professores da rede pública. Particpei das reuniões e ações desse grupo ao longo do ano de 2002. O campo do ensino de História se encontrava em notável expansão. No Rio de Janeiro, articulavam-se professores de diferentes universidades em torno do projeto interinstitucional “Oficinas de História” que, até os dias atuais, tem atuação significativa na produção de conhecimento sobre Ensino de História e na formação de futuros professores.

Em 2004, ingressei no Mestrado em Educação Brasileira na PUC-Rio. Interessada em questões relativas à profissão docente, à formação e ao ensino de História, produzi uma dissertação dentro da linha de pesquisa: “Formação de professores: tendências e dilemas”. Sob orientação da professora Menga Lüdke, a dissertação intitulada “A Socialização Profissional de Professores de História de duas gerações: os anos de 1970 e de 2000” abordou a socialização profissional de professores no contexto da profissão docente na história recente do Brasil. Foi um estudo comparativo entre os processos de socialização profissional de professores de História de dois períodos: a década de 1970 e os anos 2000. Foram focalizadas, de modo especial, duas dimensões básicas da socialização profissional de professores: a formação inicial ou pré-serviço e o componente exercício ou experiência profissional, sobretudo em seus anos iniciais. Foram entrevistados professores de História que vivenciaram a formação e o início da vida profissional nos anos de 1970 e de 2000.

Já no doutorado, tive um projeto que tratava da relação entre professores e estudantes com o conhecimento histórico no contexto de midiatização e da cultura digital. A minha experiência profissional e pessoal me direcionou para a observação da importância da qualidade das relações interpessoais e da ampliação de linguagens para promoção de formação histórica numa perspectiva pluralista e democrática. Como professora e pesquisadora, tenho grande interesse no assunto. Na PUC-Rio, sob orientação da professora Rosália Maria Duarte, defendi a tese “Conhecimento histórico e Mídia em uma escola da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro”. A tese teve o propósito de discutir a construção do conhecimento histórico escolar, no contexto de midiatização. Então, toda a minha trajetória, de ensino e de pesquisa, se entrelaça com o pensar/fazer

ensino de História, o que tem sido fundamental para atuar junto à formação inicial de novos professores, sobretudo orientando os estágios supervisionados.

AP e EA – Você nos fala a partir de um lugar de fronteira entre História e Educação, poderia nos contar um pouco mais sobre estar atuando nessa interseção?

PS – Sou professora da área de Ensino de História, hoje trabalhando com Estágio Supervisionado - que na Universidade Federal Fluminense chamamos de Pesquisa e Prática Educativa – e no Mestrado Profissional em Ensino de História. Atuei na Educação Básica por 8 anos e minha formação e atuação sempre esteve na fronteira entre a História e a Educação. Portanto, eu falo de um lugar, que é essa fronteira entre História e Educação, interpelada pelas mídias. Estou ligada ao Grupo de Pesquisa Oficinas de História e ao Laboratório de Ensino de História da UFF.

A partir das experiências vivenciadas em diversos espaços de reflexão e ação, em turmas de PPE, projetos de iniciação à docência, de pesquisa e extensão, me tocam reflexões sobre midiaticização e conhecimento histórico escolar a partir de um conceito da área da comunicação que faz uma interface interessante com a Educação e o Ensino de História. É o conceito de midiaticização. O artigo de Stig Hjarvard traduzido no Brasil com o título “Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural” remete à onipresença das mídias na sociedade contemporânea, com poder de atravessar outras instituições e forçá-las a dar respostas às suas ações. Esse conceito permite pensar o problema da hibridização entre a mídia como instituição autônoma e outras instituições sociais, como a família e a escola. Hjarvard coloca que família e escola são ainda as instâncias mais importantes para a socialização das novas gerações, mas estão, ambas, midiaticizadas, isto é, atravessadas pela onipresença das mídias na vida cotidiana. Assim, precisamos buscar entender as maneiras pelas quais as instituições sociais e processos culturais mudaram de caráter, função e estrutura em resposta a essa onipresença.

AP e EA – Em suas pesquisas você tem escrito sobre as mídias e sua relação direta com os processos de ensino, sobretudo de História. Como você avalia o impacto da midiaticização sobre professores e estudantes quando consideramos o movimento de ensinar e aprender História?

PS – A partir do conceito de midiaticização, podemos inferir que a política, a religião, a família e a escola estão submetidas ou tornam-se dependentes da lógica da mídia, em grau cada vez maior. Os meios de comunicação passaram a estar integrados à dinâmica dessas instituições. Existiria, então, uma lógica da mídia, que se refere a um modus operandi institucional, estético e tecnológico dos meios que mobiliza outras instituições a criarem respostas e interações. A partir dessa definição, cotidianamente observo se e

como a escola e o trabalho docente estão afetados pelo contexto de midiaticização e quais são as respostas elaboradas. E, também, sobre o que acontece com as práticas de ensino de História, na escola e na universidade. Essas são fortes inquietações para um programa de pesquisa a ser desenvolvido e aprofundado.

AP e EA – Ao longo dos últimos anos você tem escrito e discutido acerca da educação antirracista. Quais os possíveis caminhos para construirmos currículos para formação docente que reflitam o compromisso com um ensino de História antirracista e afrocentrado?

PS – Nos últimos anos, nós do Laboratório de Ensino de História - LEH/UFF, junto com professores de escolas públicas parceiras e estudantes de graduação e pós-graduação, temos nos debruçado sobre essa questão que vocês trazem. Quando dos 20 anos da Lei N.10.639/03 promovemos encontros entre estudantes e professores de diferentes licenciaturas na Universidade Federal Fluminense com o intuito de pensar quais caminhos para a formação docente se revelam como importantes para fortalecer práticas educativas antirracistas. Notamos a necessidade de se valorizar as narrativas autobiográficas como dispositivos de formação potentes para a discussão das relações étnico-raciais na socialização profissional de professores. Em rodas de conversa realizadas no segundo semestre de 2023, com participação de licenciandos de Pedagogia, História, Física e Ciências Sociais, foram narradas histórias de formação na escola e na universidade, em um balanço da presença/ausência de intelectuais negras/os como referências de conhecimento, diversidade epistemológica, na direção de uma integração entre currículo, conhecimento e luta política. Nesse momento, apostamos na ampliação do percurso formativo através da narrativa autobiográfica, com intuito de ampliar os sentidos, descortinar emoções, construir pontes entre o pessoal, o político e o pedagógico no espaço público de educação. Nesse sentido, narrar e escutar histórias permite o adensamento das temáticas escolhidas, em diferentes abrangências e profundidades, envolvendo histórias de vida e formação. Pensar o currículo da formação de professores coletivamente através das provocações de um projeto de extensão universitária pode incentivar a construção cotidiana de temas de pesquisa e ensino através de uma concepção de currículo narrativo. Nas trocas estabelecidas nesses encontros, os licenciandos apontaram, no mundo da educação formal, seja na escola ou na universidade, marcas do racismo institucional que precisam ser combatidas. Lançar olhares para a formação inicial do ponto de vista da educação antirracista desvela muitos desafios a serem enfrentados, desde a necessidade de se ampliar o número de professoras(es) negras(os) na universidade, passando pela crítica às referências e abordagens adotadas nos cursos, até uma problematização mais ampla sobre os objetivos e funções da universidade na sociedade. Para quem produzimos conhecimento? Apostamos na importância da articulação entre ensino, pesquisa e extensão para a construção de alternativas de formação inicial e continuada que contribuam para a

superação de práticas desconectadas do enfrentamento das desigualdades sociais, raciais e educacionais. Nas reuniões sistemáticas da equipe, as pautas são definidas a partir dos anseios dos docentes das escolas parceiras e das reflexões sobre questões importantes do debate público sobre História, Educação e relações étnico-raciais. As conversas e os debates de textos são motivados por inquietações a respeito das relações sociais e pedagógicas em um país estruturalmente marcado pelo racismo. Muitas vezes, vivenciamos situações-limite, quando emergem narrativas dolorosas que geram desafios para a prática de ensino orientada por uma ética do antirracismo. Um dos desafios recorrentes é a sensibilização de professoras(es) e estudantes no enfrentamento da reprodução de conteúdos racistas da linguagem. A sala de aula precisa ser um ambiente seguro para a expressão de incômodos e violências provocadas por expressões amplamente utilizadas na sociedade, mas que atacam a dignidade e desumanizam pessoas negras e indígenas no cotidiano. Como estratégias importantes para possibilitar espaços para o sensível debate, adotamos as oficinas e as rodas de conversas em função do seu potencial de criação de um ambiente de transbordamento das emoções, experiências e perspectivas.

AP e EA – Em tempos de revisionismo histórico e negacionismo, quais os desafios que você considera que ainda precisarmos enfrentar para tornar o ensino de História mais democrático, antirracista, afrocentrado, pluriétnico?

PS – No contexto atual da educação brasileira, o trabalho de professores de História, configuradores importantes de cultura histórica, está afetado por diversos tipos de ataques, encampados por setores conservadores, de desqualificação e desvalorização do conhecimento formal e sistematizado produzido em escolas e universidades. A dimensão da crítica da cultura torna-se ainda mais relevante em um momento histórico de fortes embates e disputas de narrativas. A escola e o ensino de História podem instituir importantes espaços de enfrentamento das condições históricas de reprodução de desigualdades sociais, raciais, e de gêneros. Tornar-se professor(a) de História em tempos de ataques à democracia no Brasil e no mundo, implica no desenvolvimento da capacidade de lidar com situações que em muito extrapolam o espaço ritualizado da sala de aula. Nossas experiências em projetos de extensão, sob autoridade compartilhada, têm o intuito de fortalecer redes de formação de professores, tanto da etapa inicial da licenciatura, quanto na formação continuada, para fazer frente, como força coletiva, às tentativas de desestabilização e desmonte da educação pública. Reconhecemos o potencial democrático da educação pública, com seu público pluriétnico, com presença de diversas camadas sociais. Enfrentamos cotidianamente o desafio da construção de uma perspectiva de democracia sintonizada com uma educação que acolha a diversidade na perspectiva intercultural. Em um país estruturalmente racista, somamos força ao enfrentamento cotidiano da demanda pela superação do racismo institucional

e cotidiano e apostamos na formação que potencialize a multiplicação de salas de aula orientadas por uma ética da luta antirracista.

AP e EA – Nós queremos te agradecer, Patrícia Teixeira Sá, por compartilhar conosco sua trajetória de vida e carreira, que tanto nos auxilia a pensar sobre um ensino de História mais engajado, plural e voltado às diferenças. Gratidão pela partilha conosco.

Recebido em 23/08/2025

Versão final reapresentada em 18/11/2025

Aprovado em 16/12/2025